

A MENSAGEM DE FERNANDO PESSOA: Nas particularidades da história a universalidade da literatura

Jossefrânia Vieira Martins*

“O que *fabrica* o historiador quando faz história?” (CERTEAU, 2002, p. 65). Esta problemática cinge o *métier* do historiador, levando-o a refletir acerca da produção de sua prática e de seu discurso; reflexão esta, que também se encontra permeada no interesse de nossa pesquisa. Afinal, o que objetivamos quando nos debruçamos sobre um objeto histórico? Que campo de interesses fermenta nossa investigação? Como construir através de uma prática metodológica uma discursividade histórica acerca de um tema-problema? Especificamente, qual a historicidade de Fernando Pessoa e sua obra? Diante da condição multifacetada desse poeta, como identificar história?

Segundo Michel de Certeau (2002), fabricar história(s) é realizar uma “operação historiográfica”, uma ação de “corte” na qual as possibilidades abarcadas em uma fonte histórica são problematizadas, inscritas e lançadas na construção de uma trama, assim, a escrita de uma história vai ganhando “corpo”, ao passo que uma aventura é narrada e uma memória é lapidada.

Nesse jogo travado entre prática e discurso, campos de interesses são articulados e histórias são produzidas, a pluralidade da vivência humana exala sobre o historiador as mais distintas manifestações de historicidade.

É no sentido dessa inspiração pluralista que circunda o olhar historiográfico, que nos propomos realizar nestas páginas uma leitura histórica da obra *Mensagem* de Fernando Pessoa. Tomando-a como uma das partículas que constituem a obra completa desse poeta português, problematizaremos a historicidade que permeia a sua produção e publicação bem como os elementos histórico-literários emaranhados nas entrelinhas de seu discurso – a princípio somente poético. Priorizaremos aqui, a primeira e a segunda parte de *Mensagem*, respectivamente *Brasão* e *Mar Português*.

O conhecimento histórico não é construído inocentemente, ao contrário, ele encontra-se articulado a um “lugar de produção” que interfere no desenrolar de sua prática e de seu

* Graduanda do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/ Centro de Ensino Superior do Seridó – CERES/ Campus de Caicó.

discurso. O gesto do historiador é justamente aquele que une idéias e lugares, como afirmara Michel de Certeau (2002). O nosso ofício é instituído mediante esse quadro de circunstâncias e assim caminha a história e a historiografia de cada lugar. A questão que circunda historicamente o nosso tema-problema envolve essa relação da historiografia, do *métier* do historiador e da história com os condicionamentos do “lugar de produção”.

Para tanto, o nosso interesse focalizou a história portuguesa e com ela toda uma problemática que envolve a cultura e a identidade da nação lusa. Situamo-nos no limite fronteiro entre as historiografias portuguesa e brasileira a fim de “quebrar” mesmo que timidamente os distanciamentos e preconceitos incutidos na prática historiográfica no Brasil quanto ao fato da dedicação aos estudos portugueses. O “localismo” por vezes repetitivo é um caminho perigoso, para tanto, deixamos impressa a nossa reflexão acerca da liberdade de escolha da qual deve saborear o historiador e a própria historiografia.

Entendemos que dentro de suas limitações, cada produção histórica deve ser construída no sentido de demolir “muros” ideológicos que alicerçam distanciamentos historiográficos. Cientes da importância de nosso saber, não podemos fazer do interesse do historiador um olhar fixo para o ponto à sua frente, pois em história é fundamental olhar para os lados.

Olhando a sua volta, a historiografia passou por transformações teórico-metodológicas intensas. Cruzando séculos, posturas e possibilidades, a *Escola dos Annales* provocou nas primeiras décadas do século XX uma “revolução documental” no campo da história, naquele momento já não se alterava apenas o sentido da abordagem histórica com o implemento da história-problema, mas se construía essa problematização alargando a noção de fonte histórica. (BURKE, 2005; REIS, 2004). Desviando-se do domínio da história política, a história interligava-se as nascentes ciências sociais e a pesquisa histórica ganhava novo fôlego. Essa “revolução documental” deixa de lado a versão positivista que toma o documento como “testemunho-prova” de um dado fato histórico, passando a conferi-lo a versão de “discurso”. (BARROS, 2004; ORLANDI, 1990).

Entre revoluções nas fontes e nas abordagens, os *Annales* trouxeram a tona possibilidades de diálogos interdisciplinares, para não perder espaço a história foi à caça de seus “assaltantes”. No campo dessa interdisciplinaridade manifestou-se a cultura, as mentalidades, o cotidiano, os modos de fazer, pensar, dizer e crer. No limite de um estatuto quase sempre

conflitante, a história cultural vai protagonizar os debates mais exasperados em torno da ciência histórica e suas questões teórico-metodológicas. “Para quê serve a história?” Essa máxima traduzirá os tempos insólitos que tomaram conta da função do saber histórico e do historiador na sociedade. (DOSSE, 2001).

Mesmo diante de tantas críticas e contratempos, a história hoje repensa o seu lugar e a sua função na sociedade, mais do que antes filtra os efeitos das incessantes transformações. O trabalho árduo de combater o esquecimento ou mesmo de dar voz ao que está silenciado, estamos nós historiadores a provar dos sabores e dissabores de uma mutação sem fim. Assim é a história: um túnel de sonhos, um mágico desejo de contar, fazer e escrever outros desejos.

Essa breve viagem pela história da historiografia permite compreender as especificidades da reflexão que buscamos construir, tendo em vista as noções de interdisciplinaridade e da história como discurso. Nosso objeto está envolto na relação história e literatura, já que através de um recurso discursivo literário (*Mensagem*) lançamos nosso olhar no horizonte de um dado contexto histórico. Mesclando a experiência e o prisma de um cidadão português (Fernando Pessoa) imbricado das particularidades de seu “lugar de produção” (o meio literário, a literatura), identificamos uma relação historicamente tecida entre sujeito, espaço e cultura na qual o veículo de exteriorização de idéias é a literatura, ou seja, o discurso literário contextualizado historicamente.

Mediante essas premissas, realizamos uma leitura histórica da obra *Mensagem*, compreendendo-a como um fragmento rico em historicidade, visto que abarca nas entrelinhas de sua confecção discursiva uma gama de elementos e problemáticas históricas. *Mensagem* tem sentido e tarefa dupla em nossa reflexão, uma vez que é o objeto, é também a fonte, ou seja, esta obra é o nosso tema-problema e o documento que dá sentido à trama histórica que nos propomos discutir.

Para tanto é preciso primeiramente atribuir-lhe uma historicidade, afinal, como foi produzida e publicada *Mensagem*? Qual faceta da obra pessoana revela essa série de poemas? Qual a sua relação com o contexto histórico no qual foi produzida? Quais aspectos históricos e culturais de Portugal estão presentes na sua composição discursiva? Como se pode perceber, há várias problemáticas incutidas nos versos de *Mensagem* e é no labirinto quase infinito de seus símbolos que nos dispomos penetrar.

Como *Mensagem* é uma obra na qual corriqueiramente a faceta nacionalista de Fernando Pessoa é “denunciada”, torna-se salutar compreender como o poeta se aproximou das questões históricas e culturais de Portugal. Como se sabe, Pessoa passou a infância e boa parte da adolescência em Durban na África do Sul, onde estudou e desenvolveu habilidade com a língua inglesa, mesmo assim, por influência de seu padrasto, já começava a conhecer um pouco da literatura da sua pátria através da obra de Cesário Verde.

Há dois fatos relevantes no florescimento do interesse pela cultura portuguesa em Fernando Pessoa, que são as suas viagens de férias a Portugal, respectivamente em 1901 e em 1905, nesta última data, o poeta edifica-se efetivamente em Lisboa, onde viverá até o resto de seus dias. A viagem de 1901 marca a redescoberta do lugar de origem para um jovem português até então totalmente “inglesado” e assim no retorno a Durban já não é o mesmo. (BRÉCHON, 1999; SEABRA, 1988). O mar que divide nações, continentes e culturas apaixona o poeta na admiração da travessia da África do Sul a Portugal, essa poética lhe será demasiado inesquecível, assim como o contato com a língua portuguesa. A segunda viagem, realizada em agosto de 1905 demarca a história de um retorno definitivo à nação de origem e, mais tarde em 1908, a adoção oficial a língua portuguesa no esforço de construir a sua obra literária. Assim, resume Robert Bréchon (1999, p. 52), o significado desse retorno a Portugal para Pessoa:

A primeira experiência de um Portugal “revisitado” é, antes de mais nada, retorno às origens: peregrinação familiar, imersão lingüística, reapropriação de um patrimônio cultural em grande parte perdido, espelho em que um adolescente inglesado reconhece de súbito sua própria lusitanidade.

A fixação definitiva de Fernando Pessoa em Portugal, mais precisamente em Lisboa, assim como o desenvolvimento de suas idéias históricas e culturais acerca da nação, também estão imersas em um contexto histórico bastante tenso. Desde o Ultimato Inglês de 1890, a nação lusa apresentava um cenário político conturbado em meio aos conflitos entre forças republicanas e monarquistas. A deposição do então rei D. Manuel e pouco tempo depois a proclamação da república não afastara e nem resolvera as pendências da nação. O que se sucedeu após isso foi uma gama de agitações entre republicanos e monarquistas e a insustentabilidade de um frágil governo republicano e, que por fim culminou em 1926 no golpe militar liderado pelo general Gomes Leal implantando a “República Corporativa”, o que levou anos mais tarde, em 1932, a

edificação do *Estado Novo* em Portugal comandado pela égide do antigo “presidente do ministério”, o professor de Economia, Antônio de Oliveira Salazar.

Esses aspectos gerais da história corroboraram um ambiente de incertezas políticas, econômicas, sociais e culturais que vivenciava Portugal na época em que Pessoa viveu. Portanto, torna-se possível compreender que esse processo de “renaturalização” pelo qual passou o poeta foi acompanhado por uma série de circunstâncias históricas demasiado relevantes. Neste contexto insalubre profetizava Pessoa já na sua estréia literária na revista *A Águia* (1912), que aquele era o momento propício para o surgimento de uma literatura marcante, moderna, cosmopolita.

Esse mesmo artigo tem uma relação salutar com *Mensagem*, apesar da distância temporal que os separa. É como se ele fosse uma premissa da *Mensagem*, ou ainda como se já naquela estréia, Pessoa iniciasse a gestação da série de poemas que resultou em *Mensagem*. (BRÉCHON, 1999). Naquele artigo, o então crítico literário Fernando Pessoa profetizava o aparecimento no campo da literatura de um *Supra-Camões*, e sendo o próprio poeta a caracterização dessa personalidade, em busca de um *Supra-Portugal* ele construía e fazia de *Mensagem* um *Supra-Lusiadas*. (SEABRA, 1988). Em *Orpheu* (1915), Fernando Pessoa fez o problema-português vivenciado em sua época, tomar sua versão pública.

Mensagem foi um livro composto entre 1913 e 1934, o poema Gládio de 1913 anuncia o início da confecção de *Mensagem*, de modo que depois será incorporado ao livro sob o título de “*D. Fernando, o Infante de Portugal*”. (BRÉCHON, 1999; SEABRA, 1988). A seqüência do *Mar Português*, que foi em seguida agregada à segunda parte de *Mensagem*, teve sua publicação inicialmente na revista *Contemporânea* em dezembro 1922. No balanço da produção de Pessoa em 1928, estão 11 poemas de *Mensagem*, como *Nevoeiro* e *Os Castelos*. Desse modo, sugere Carlos Felipe Moisés (1995, p. 37-38):

Mensagem foi elaborado ao longo de anos, de 1913 a 1934, e a seqüência cronológica dos poemas não corresponde à sua ordenação no livro. Isto sugere que o poeta foi escrevendo poemas avulsos, anos a fio, e só a certa altura percebeu que todos tratavam da mesma matéria – a alma portuguesa através de sua História, digamos. Resolveu então organizar um plano que conferisse unidade ao conjunto.

Em língua portuguesa, “A *Mensagem* é o único livro que Pessoa compôs, terminou, reviu e corrigiu, e finalmente publicou”. (BRÉCHON, 1999, p. 502). Ainda segundo Bréchon (1999), teria sido na época Sidonista (1917-1918), que Pessoa teria tido a idéia de confeccionar

um livro de inspiração nacional a partir da apropriação histórica dos Descobrimientos portugueses e heróis, bem como a releitura de mitos como Sebastianismo e Quinto Império, no entanto, somente em 1934 o poeta finaliza *Mensagem*.

Compreendendo que este livro foi projeto de uma vida inteira, recordamos ainda, que o mesmo também é fruto de uma vida “cheia” de projetos literários, dentre os quais a grande maioria inacabada e não publicada em vida por Pessoa. Anteriormente à *Mensagem*, Fernando Pessoa havia publicado obras apenas em inglês, assim, veio a público em 1918 *Antinous*, um poema narrativo sobre o amor homossexual além dos 35 *Sonets* de recorte shakespeariano. Em 1921, ele publica em três volumes, *English Poems*, composto por *Inscriptions* que são inscrições antigas à moda da poesia grega e *Epithalamium*, poema narrativo sobre o amor heterossexual. (MOISÉS, 1996).

A história do nome de *Mensagem* é carregada de um teor místico. Anteriormente apresentava essa coletânea de poemas sobre a designação de *Mar Português*, todavia em muitas das correspondências travadas com seus amigos Pessoa apresenta a obra com o nome de *Portugal*, título que só é alterado quase no último momento. A decisão de substituir o nome *Portugal* por *Mensagem* ocorre segundo Bréchon (1999, p.503),

[...] a pretexto de que o “nome de nossa Pátria” estava então “prostituído e com os pés feridos”, mas na verdade o faz mesmo para salientar que a epopéia de salvação nacional é, em sentido figurado, a aventura da salvação da alma pessoal: esse livro épico e mítico é antes de mais nada espiritualista e místico.

Além do nome da pátria “estar prostituído”, para Pessoa a palavra *Mensagem* tinha ainda – num sentido demasiado esotérico – o mesmo número de letras do nome *Portugal*, desse modo, a alteração dava a tonalidade correta a proposta da obra sem fugir ao sentido de seu conteúdo: a história portuguesa. A obra simplesmente na alteração de seu título alargava o seu horizonte, assim a idéia de uma “mensagem” lançava ao leitor a sua proposta universalizante não apenas na compreensão do caso português em particular, mas fazendo do encontro com o livro e o seu conteúdo, uma viagem reflexiva em torno do que somos, do que fazemos de nós enquanto seres humanos.

Portanto *Mensagem* parte do particular ao universal, assumindo assim, uma feição cosmopolita, esta é uma das grandes bandeiras levantadas por Pessoa em sua obra literária como um todo. Com fatos e personagens Pessoa buscava em *Mensagem* dar um sentido a Portugal e

através de suas metáforas e símbolos almejava dar um sentido a própria vida humana. “A ‘mensagem’ de Pessoa é um apelo à unidade e à universalidade. Ele é cidadão de um mundo ecumênico, multiracial e transexual.” (BRÉCHON, 1999, p. 510).

Assim, com o título *Mensagem*, a coletânea de poemas de Fernando Pessoa foi publicada em 1934 com o pretexto de concorrer a um prêmio literário concedido pelo governo português. Havia um ano que Salazar estava no poder e tinha instituído o *Estado Novo*, contexto político no qual a obra foi finalizada. Ao passo que finaliza a *Mensagem*, Pessoa produzia o prefácio do livro *Quinto Império* do então amigo Augusto Ferreira Gomes, este pertencia, como Antônio Ferro e outros amigos de Pessoa, ao grupo intelectual salazarista e, é esse núcleo de amigos que convence o poeta a participar com *Mensagem* do então nascente prêmio *Antero de Quental* oferecido pelo Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) ao melhor livro de poesia nacionalista. (BRÉCHON, 1999).

Convencido pelos amigos próximos ao poder, Pessoa “jogava o jogo” da ordem reinante e apressava-se na composição final do livro: “A *Mensagem*, terminada em setembro, impressa em outubro, é distribuída comercialmente em 1º de dezembro, dia em que se comemora em Portugal a libertação em 1640 do julgo castelhano”. (BRÉCHON, 1999, p. 504) Anteriormente, Pessoa já havia escrito centenas de poemas “nacionalistas” que mais tarde, quando publicados, tomam o título de “Quadras a gosto popular” (1934-1935) e em 1933, autorizou aos amigos ligados ao salazarismo realizarem uma campanha para a integração da série *Mar Português* ao programa das escolas e colégios portugueses.

Quanto à história do prêmio *Antero de Quental*, é de suma importância para a compreensão do clima político do *Estado Novo* em Portugal e salutar para nos engendarmos nas histórias da *Mensagem* de Fernando Pessoa. Os amigos de Pessoa não tinham dúvidas sobre a conquista do prêmio por *Mensagem*, porém o final dessa história é no mínimo lamentável. Tomando como justificativa a ausência - em *Mensagem* - do número de páginas exigido pelo regulamento do prêmio, o SPN concedeu a conquista do primeiro lugar ao livro *Romaria* do padre franciscano Vasco Reis com o seu conteúdo composto de quadras que exaltavam para além da nacionalidade a religiosidade cristã-católica. (BRÉCHON, 1999; MOISÉS, 1996).

Observa-se de imediato a intenção dos julgadores do prêmio, visto que o livro de Pessoa bem trabalhado e articulado dentro de uma poética reflexiva não se encaixava na lógica da “alienação” salazarista, esta pautada em um discurso nacionalista-cristão de fácil compreensão e

acesso. (PASCHKES, 1985). Em seguida, o SPN divulgou nota dando a *Mensagem* o prêmio de “segunda categoria” em face de alto teor nacionalista. Mediante a consciência da injustiça cometida pelo júri, Antônio Ferro criou ainda para essa “segunda categoria” uma premiação em dinheiro, na época 5.000 escudos, desse modo, a injustiça não era desfeita, mas digamos que “amenizada”. A resposta que o tempo deu a essa questão foi pragmática, *Mensagem* tornou-se um verdadeiro clássico da literatura portuguesa e europeia e a *Romaria* do padre Vasco Reis caiu no esquecimento tendo em vista a sua reconhecida “ausência de predicados”.

Obviamente é preciso considerar que além dos interesses demagógicos que alicerçavam a escolha do júri, estudiosos da obra de Fernando Pessoa salientam o requinte e a complexidade que tomam conta da composição e da leitura de *Mensagem*; se até os dias atuais a sua interpretação não é algo simples, imagine-se para os portugueses daquela época. Segundo Carlos Felipe Moisés (1996), todo esse ocorrido em torno do prêmio e de seu resultado causaram a Fernando Pessoa um aborrecimento compreensível, embora ele tenha aceitado comentar no *Diário de Lisboa* em janeiro de 1935 o livro *Romaria* de Vasco Reis que lhe furtara o prêmio *Antero de Quental* alguns meses antes, evidentemente que utilizando sua característica retórica irônica.

O aborrecimento de que fala Moisés (1996), está exposto em carta a Adolfo Casais Monteiro em 1935, a famosa “carta sobre a gênese dos heterônimos”. Vejamos o que nos aponta Fernando Pessoa (1935) nesse célebre documento epistolar. O poeta inicia dizendo que, a parte sua faceta nacionalista é, além disso, muitas outras coisas e, desapontado com os acontecimentos, ele conclui a sua estréia como infeliz:

Concordo absolutamente consigo em que não foi feliz a estréia, que de mim mesmo fiz com um livro de natureza da *Mensagem*. [...] Comecei por esse livro as minhas publicações pela simples razão de que foi o primeiro livro que consegui, não sei porquê, ter organizado e pronto. Como estava pronto, devo dizer, com os olhos postos no prêmio do Secretariado, embora nisso não houvesse pecado intelectual de maior. O meu livro estava pronto em Setembro, e eu julgava, até, que não poderia concorrer ao prêmio, pois ignorava que o prazo para a entrega dos livros, que primitivamente fora até ao fim de Julho, fora alargado até ao fim de Outubro. Como, porém, em fim de Outubro já havia exemplares da *Mensagem*, fiz entrega dos que o Secretariado exigia. O livro estava exactamente nas condições (nacionalismo) de concorrer. Concorri. Quando às vezes pensava na ordem de uma futura publicação de obras minhas, nunca um livro do género de *Mensagem* figurava em número um. Hesitava entre se deveria começar por um livro de versos grandes – um livro de umas 350 páginas -, englobando as diversas subpersonalidades de Fernando Pessoa

ele mesmo, ou se deveria abrir com uma novela policiaria, que ainda não consegui completar. Concordo consigo, quando disse, em que não foi feliz a estréia, que de mim mesmo fiz com a publicação da *Mensagem*. Mas concordo com os factos que foi a melhor estréia que eu poderia fazer. Precisamente porque esta faceta – em certo modo secundária – da minha personalidade não tinha nunca sido suficientemente manifestada nas minhas colaborações em revistas (excepto no caso do *Mar Português*, parte deste mesmo livro) – precisamente por isso convinha que ela aparecesse, e que aparecesse agora. Coincidiu, sem que eu o planeasse ou o premeditasse (sou incapaz de premeditação prática), com um dos momentos críticos (no sentido original da palavra) da remodelação do subconsciente nacional. (PESSOA, 1935).

Entre aborrecimentos e dissabores do polémico prêmio, o fato é que Fernando Pessoa na carta citada acima denuncia em que condições julgou ser possível concorrer ao referido prêmio mediante a sua proposta, visto que a *Mensagem* se enquadrava em face de sua dimensão nacionalista. Apesar de caracterizar a publicação desse livro como desastrosa, Pessoa reconheceu também que diante de todos os condicionamentos, aquela estréia foi a que tinha de ser, afinal ele tinha consciência da posteridade de sua obra e do seu conseqüente futuro reconhecimento.

Percebe-se que apesar de concluir não ter sido uma boa estréia, Pessoa não se arrepende totalmente de tê-la realizado naquele momento. Dentre polémicas, injustiças e possíveis arrependimentos, a história da publicação e da fermentação da idéia de *Mensagem* nos transporta até as particularidades do contexto português da época, bem como à compreensão sobre que direção se construiu a publicação do texto dessa obra, a primeira em língua portuguesa publicada em vida por Fernando Pessoa.

Historicizadas as condições históricas, políticas, literárias e culturais sobre as quais *Mensagem* veio a público, é o momento de adentrar na construção de sua discursividade, atentando à sua organização, divisão e produção, navegando na história e na cultura da nação portuguesa, nas especificidades desse povo apropriadas e significadas simbolicamente através do discurso poético. A primeira impressão que se tem ao ler *Mensagem* é de que se trata de uma obra poética sobre a história portuguesa e isso ocorre devido às várias personagens históricas que intitulam os seus poemas.

Qual o sentido dessa apropriação? Cabe salientar como indicou Carlos Felipe Moisés (1996, p. 46), que *Mensagem* não é uma narrativa da história portuguesa, mas um conjunto de referências suas: “O que Pessoa faz é apenas referir-se a fatos e personagens históricos, às vezes de forma indireta e metafórica, às vezes só nos títulos dos poemas”. Evidentemente que essas

referências estão concebidas dentro de um contexto que interliga a obra de modo a dar-lhe inteligibilidade. Essas referências têm um sentido articulado pelo poeta, como ressalta Bréchon (1999, p. 507) acerca da evocação de figuras históricas:

E a ação de todos esses heróis – já que são todos conquistadores - , guiada por seu sonho, por sua fé e por sua esperança, é a imagem do sonho, da fé e da esperança do poeta, cujo gesto de escrever se situa num espaço para além de toda e qualquer ação possível.

Mensagem é um livro composto ao todo por 44 poemas divididos em 3 partes, respectivamente intituladas *Brasão*, *Mar Português* e *Encoberto*. Segundo Bréchon (1999), esses poemas são 44 retratos do drama de se perder no que é grande, incomensurável, indizível. Segundo Octávio Paz (2002, p. 217), esta obra é, “[...] sobretudo, um livro de heráldica – e a heráldica é uma das partes da alquimia. Enfim, os poetas herméticos são, por sua forma e espírito, simbolistas.” E conclui: “Pessoa concebeu *Mensagem* como um ritual, ou seja, como um livro esotérico. Levando-se em conta a sua perfeição externa, é a sua obra mais completa.”

Ressaltando esse teor heráldico denunciado na primeira parte de *Mensagem*, esta é segundo Moisés (1996, p.50) a mais complexa, “[...] lida com as origens de Portugal e chega até o fim da expansão marítima. *Brasão*, portanto, retrata a fase em que Portugal define a sua nacionalidade e em seguida expande o seu território”. As origens de Portugal são rerepresentadas simbolicamente por Fernando Pessoa e esses símbolos são trabalhados filosoficamente, o coletivo é ensejado nessa poesia épica, dramática e filosófica através de categorias como tempo, fatos e espaços. (DÉCIO, 2003). Na verdade, *Brasão*, em particular realiza uma apropriação simbólica dos elementos do escudo de Portugal e da Europa e assim, encontra-se dividida respectivamente em *Os Campos*, *Os Castelos*, *Quinas*, *Coroa* e *Timbre*. Cada elemento desse se compõem de poemas que versam através de figuras ou fatos históricos e mitológicos acerca da formação de Portugal (a conquista da terra) e da nacionalidade (reino português).

Como observa Robert Bréchon (1999, p. 508), no primeiro poema de *Os Campos* intitulado *Os Castelos* (1928) a “Europa é figurada como uma forma feminina deitada do Oriente para o Ocidente, forma cujo rosto, virado para o Ocidente, ‘futuro do passado’, é Portugal.” Esse rosto sobre o qual se enxerga é a então nascente nação portuguesa; vejamos agora os trechos iniciais do referido poema que apontam a outra problemática desse signo: “A Europa jaz, posta nos cotovelos: / De Oriente a Ocidente jaz, fitando, / E toldam-lhe românticos cabelos / Olhos

gregos lembrando.” (PESSOA, 1998, p. 19). Nesses versos está apresentado segundo José Augusto Seabra (1988) o sentido universal da obra de *Mensagem*, aquilo que lhe atribui uma aceção cosmopolita, ou seja, a referência à Grécia. Assim, as duas nações, Grécia e Portugal encontram-se ligadas pelo signo da universalidade; do estilo clássico ao barroco foi se desenhando historicamente a habilidade de “ser tudo e todos de todas as maneiras”, essa é a missão intrínseca desses povos. Ao longo dos poemas de *Brasão*, Pessoa apresenta-nos os heróis fundadores da nação, cabe destacar alguns deles:

Ulisses, epônimo de Lisboa (Olipso); o pastor *Viriato*, chefe da resistência aos romanos; conde *D. Henrique de Borgonha*, que se tornou conde de Portugal em 1095 pelo casamento com a princesa de Leão, *D. Tereza*; seu filho *Afonso Henriques*, o primeiro rei português, vencedor dos mouros no campo de Ourique, em 1139; o rei *D. Dinis*, administrador e poeta, fundador da primeira universidade, organizador da Marinha, criador da Ordem dos Templários; o rei *D. João I*, fundador da dinastia de Avis, vencedor dos castelhanos em Aljubarrota, em 1385, e a mulher *D. Filipa de Lencastre*; o rei *D. Sebastião*; o condestável *D. Nuno Álvares Pereira*, herói de Aljubarrota, chefe guerreiro e homem virtuoso; o infante *D. Henrique*, o Navegador; o rei *D. João II*; e por fim, o conquistador *Afonso de Albuquerque*, governador das Índias em 1510. (BRÉCHON, 1999, p. 507, grifos nossos).

A utilização desses protagonistas da história portuguesa tem uma razão que ultrapassa esse estatuto, como nos lembra João Décio (2003), o herói é mais que uma personagem histórica, ele é uma categoria humana, visto que isso atribui dentro do discurso de mensagem uma conotação do universal. As ações desses heróis são alusões a futuras ações, desse modo, Pessoa desloca a lição da experiência desses heróis em seu tempo para o tempo no qual vive o poeta, demarcado por incertezas e infortúnios, o desejo coletivo de reconstruir a nação em face da realidade, de fazer valer os sonhos e o significado histórico construído em torno da nação e da cultura portuguesa ao longo dos séculos.

“Cada personagem expressiva da história de Portugal é como se fosse confundida com toda a Pátria.” (DÉCIO, 2003, p. 206). É utilizar aquilo que de melhor exemplifica o espírito do português para fazê-lo “ressurgir” não apenas como tal, mas como homem, não apenas em função da nação, mas do mundo. Por esse motivo o discurso épico, lírico e dramático de *Mensagem*, caracteriza-se para além de um mero nacionalismo, configurando-se também por uma proposta universalizante. (DÉCIO, 2003; MOISÉS, 1996; SEABRA, 1988).

Na trama que envolve a reapropriação dessas personagens históricas na primeira parte *Brasão*, temos uma particularidade; na parte *Coroa*, símbolo onipotente da nobreza e da dinastia, Pessoa nos apresenta não um membro da realeza portuguesa, mas um homem comum, um plebeu *Nun'Álvares Pereira*, segundo Moisés (1996, p. 53) “[...] a explicação é que, para Fernando Pessoa, a verdadeira nobreza não é a de sangue mas a de espírito.” Na parte *Timbre* o poeta nos prepara uma surpresa, substitui o tradicional dragão pelo *Grifo*, este último um animal também mitológico que tem asas de águia e patas de leão, a causa da substituição assegurada por Pessoa é que o leão e a águia são mais elevados e antigos que o dragão; o uso do *Grifo* dá o gancho final para a entrada na segunda parte *Mar Português*, sobre as asas da águia se lançam os olhos dos portugueses desmedidos e conquistadores a procura do mar “tenebroso e ancestral”.

Essas duas primeiras partes de *Mensagem* dão conta respectivamente da “ascensão” (*Brasão*) e do “apogeu” (*Mar Português*) da história portuguesa. No período de “ascensão” instaura-se a busca pela alma coletiva, enquanto que no “apogeu” percebe-se a experiência de um sentimento comum que une a nação: as conquistas ultramarinas. Assim, a formação da nacionalidade portuguesa é simbolicamente retratada através das ressonâncias factuais emaranhadas temporal e espiritualmente pela poética da alma portuguesa, que em pleno florescer do mundo moderno cingia suas potencialidades através do encontro fatal com o mar, este, cenário intrínseco de sua construção histórica, elemento inseparável de sua memória e cultura.

A seqüência *Mar Português* já havia sido publicada alguns anos antes e sofreu apenas alguns retoques para ser incorporada à *Mensagem*, caracteristicamente “[...] lida com as grandes viagens e com a amplidão marítima descortinada pelos portugueses no seu apogeu”. (MOISÉS, 1996, p. 50-51). Versando sobre a fase apoteótica da história de Portugal (Grandes Navegações, Impérios Ultramarinos), Pessoa nos aponta algumas figuras importantes no desdobramento desse “apogeu”, como Fernão de Magalhães, o inoxidável Vasco da Gama, o “Desejado” rei D. Sebastião, além de uma menção a Cristóvão Colombo no poema *Colombos*.

Mas o grande protagonista da segunda parte de *Mensagem*, como bem o nome propôs é o “mar”; é o encanto poético e o teor histórico-cultural do elemento marítimo que é o enredo central de *Mar Português*. O domínio dos mares fez de Portugal um Império de grandezas, “[...] na *Mensagem*, o mar é apresentado como revalorização histórico-cultural de Portugal.” (DÉCIO, 2003, p. 177). Portanto o elemento marítimo é colocado no sentido de revalorização, em uma discussão histórico-crítica dos valores históricos portugueses.

O mar seria algo inerente à história e a própria literatura portuguesa, algo que se dá nos planos do real e do fantástico. Os valores ressuscitados pela poética do mar na *Mensagem* estão dimensionados em valores estéticos, filosóficos (sentido crítico social e humano) e históricos. O sentido elegíaco está na relação travada entre os heróis, as instituições, os símbolos e as aventuras no mar desconhecido. Como salienta Pedro Calafate (2006), é a “inteligência do desejo” a inspiração para a construção do discurso de *Mensagem* e sendo este um discurso pessoano, desenvolver uma poesia que tenha como recurso a inteligência é algo que caracteriza toda a obra de Fernando Pessoa. E os portugueses que realizaram a empresa marítima, aqueles que desafiaram os mares e seus monstros fizeram uso da inteligência e da imaginação para fazer do desejo uma realidade, ou seja, inscrevê-lo na história da nação como marca d’água viva na memória. Com efeito, representamos aqui a segunda parte de *Mensagem* através de um dos mais emblemáticos e belos poemas seus, *Mar Português* (PESSOA, 1998, p. 64):

Ó mar salgado, quanto de teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosse nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Este é o penúltimo poema da segunda parte e antecede *A Última Nau*, para tanto, através das gotas que formam esse imenso mar que um dia astutamente foi português, Pessoa evoca os elementos que prenunciam a terceira parte de *Mensagem* – *O Encoberto*. Vão adquirindo forma sensações como a dor, a saudade, a grandeza da alma, todos esses enredos incisivos na última parte da obra. O mar salgado afunda a *Última Nau* o sonho português, à deriva desaparece o rei “Desejado” e em face disso o Império Português é saqueado pelo destino e no horizonte, ao longe, no cais a esperança teima em reinar, pois o rei há de voltar, mais do que ele há de retornar a si a própria à nação lusa. A partir desses poemas o poeta introduz a passagem da segunda (apogeu) para a terceira parte (declínio), o drama épico montado por Fernando Pessoa

está lançado: a nação dos mares precisa ressuscitar das profundezas para ser novamente o “rosto do mundo”, para “ser tudo de todas as maneiras”.

Em *Mensagem* não se tem apenas uma alegoria de Portugal, mas uma outra forma dessa nação se expressar dentro do mistério que ronda a sua existência; não encontramos nessa obra uma discussão da nação enquanto espaço físico, mas enquanto uma espacialidade construída histórico e culturalmente. Para Octávio Paz (2002), fazendo nessa obra uma apropriação e uma representação simbólico-espiritual da história portuguesa, Pessoa desloca a mesma de sua realidade para outra, esse teor espiritual seria a própria negação da história lusitana em si. Uma constelação de signos ronda *Mensagem* e sua produção, desse modo, as metáforas subtraem dos elementos históricos a sua representação. Para Leila Perrone-Moisés (2001), esse simbolismo é o que permite entrecruzar na poesia elementos reais e fictícios, assim o próprio símbolo torna-se ainda uma maneira de conferir modernidade aos fatos e personagens. (DÉCIO, 2003).

A força motriz da expressão em *Mensagem* é a vivência histórica, através da apropriação de fatos e seus personagens essa obra adquire um sentido histórico na busca por interpretar símbolos e mitos, mas, além disso, “[...] por vezes apresenta a própria figura histórica a se expressar, ou melhor, fingindo que é a figura histórica que fala, o poeta é sincero ao expressar-se através da citada figura”. (DÉCIO, 2003, p. 210). Segundo Moisés (1995), o sentido histórico de *Mensagem* toma a história como uma espécie de jogo no escuro, onde os fatos históricos acontecem por acaso, fogem ao alcance de nossa compreensão e o mote para Pessoa desenvolver essa idéia é justamente a história portuguesa, na qual desfilam atos e gestos cujo verdadeiro sentido costuma-se ignorar, ou seja, seria o espelho da história da própria humanidade.

O oculto e o espiritual são temáticas que estão presentes na obra de Pessoa, inclusive em *Mensagem*, onde a noção de humanidade ganha uma dimensão “histórica”. No entanto, penso que o sentido histórico dessa obra dentro de sua sempre reiterada complexidade está para além de qualquer definição. O intuito do poeta não é construir um livro de história, mas uma obra poética que trabalhando filosoficamente a dimensão simbólica de certos fatos da história portuguesa, lhe conferia uma dimensão universal, portanto cosmopolita. Os poemas de *Mensagem* não versam apenas sobre o problema português, mas do problema humano que é a existência, o cotidiano, as noções de abismo e podium de chegada. Este pequenino livro denuncia aos portugueses e a todos

os cidadãos do mundo a urgência da arte, da cultura e por assim dizer, da consciência de ambas. Mais que um *desejo-nação*, Pessoa nos apresenta a necessidade dos desejos que nos mantém vivos, a sempre maçante “realidade das coisas”, o valor que reside em nossa alma. A intenção de Pessoa não é atribuir um valor maior ou menor à história, mas sim nos fazer refletir acerca daquilo que atualmente temos dado valor.

Mediante essas premissas, podemos caracterizar *Mensagem* como uma obra nacionalista? Segundo José Augusto Seabra (1988), a obra fugiu a esse estatuto a partir de seu título “*Mensagem*”, com essa nomeação lingüística a obra teria se “universalizado”; para Pessoa os conceitos de “nação” e “pátria”, “nacionalismo” e “patriotismo” são ao mesmo tempo sinônimos e antônimos, a realização de Portugal era por conseguinte a realização de toda a humanidade. É complexo, portanto, circuncidar *Mensagem* tão somente a uma faceta nacionalista, visto que a obra ultrapassa esse enquadramento, por conseguinte há história portuguesa nessa obra, no seu íntimo coexistem elementos da cultura dessa nação e a sua produção e publicação estão situadas como vimos, em um contexto histórico demasiado peculiar, em uma época em que discutir essa nação e a sua história não era uma atitude inofensiva, ao contrário, era uma necessidade daquele momento histórico.

A relação entre os sujeitos e seus espaços produz diferentes olhares e está sempre emaranhada de desejos, aspirações, sonhos e lutas cotidianas; assim as histórias de afeição ou de repulsa constroem identidades experienciadas histórico e culturalmente, oferecendo um rosto às nações, regiões, cidades, aldeias dentre outras. A história de uma nação está intimamente ligada a história de seus indivíduos, a maneira como se confere inteligibilidade um ao outro. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005a; 2005b). Fazer história é ter consciência do limite que atravessa a nossa existência: o tempo, a distância percorrida entre nós e o nosso passado, a experiência inesgotável do presente, a imprevisibilidade do futuro. A memória é a nossa “arma” contra o esquecimento, é essa maneira tão humanamente estranha de “inventar” o passado, de selecioná-lo, de alardeá-lo através de diferentes ferramentas. (CATROGA, 2001).

O modo como Pessoa alardeou para a posteridade a experiência de seu tempo encontra-se em *Mensagem*, obra que através de um discurso épico dramático expõe aos leitores de todo o mundo as fraquezas e fortalezas de uma nação (Portugal) bem como de qualquer ser humano (português ou não). Dessa forma o poeta português catalisa cenários, tramas e sujeitos de outras temporalidades introduzindo-os simbolicamente nos problemas de seu tempo

(SEVCENKO, 1999), profetizando com otimismo o advento de um “Império da cultura”, dos desejos e da arte, a literatura é o veículo sobre o qual escorre os sonhos desse poeta universal.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Zonas de encrenca: algumas reflexões sobre poder e espaços.** Natal: 2005a. 9p. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/durval>> Acesso em: 25 de fevereiro de 2007.

_____. **O Teatro da história: os espaços entre cenas e cenários.** Natal: 2005b. 11p. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/durval>> Acesso em: 25 de fevereiro de 2007.

BARROS, José D’Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

BRÉCHON, Robert. **Estranho Estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CALAFATE, Pedro. Fernando Pessoa: sermos tudo de todas as maneiras. In: _____. **Portugal como problema: século XX - os dramas de alternativa.** V. IV. Lisboa: Fundação luso-americana, Público, 2006.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia.** Coimbra: Quarteto, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DÉCIO, João. O mar na poesia de Fernando Pessoa. In: _____. **Quatro autores da literatura portuguesa: Luís de Camões; Eça de Queiroz; Fernando Pessoa e Vergílio Ferreira.** Blumenau/SC: Edifurb, 2003.

DOSSE, François. **A História à prova do tempo:** da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: UNESP, 2001.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Roteiro de Leitura:** Mensagem. São Paulo: Editora Ática, 1996.

PAZ, Octavio. O desconhecido de si mesmo – Fernando Pessoa. In: _____. **Signos em rotação.** São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 201-220.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa:** quem do eu, além do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PESSOA, Fernando. **Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro sobre a Gênese dos heterônimos.** 1935. Disponível em: <<http://www.fpessoa.com.ar/carta.asp>> Acesso em: 28 de Março de 2006.

_____. **Mensagem.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

REIS, José Carlos. **A História: entre a filosofia e a ciência.** São Paulo: Ática, 2004.

SEABRA, José Augusto. **O heterotexto pessoano.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.